



UNICAMP

EVENTO: NEW YORK BALLET EXIBE O GÊNIO BALANCHINE
VEÍCULO: ESTADO DE S. PAULO
DATA: 09/09/97
PÁGINA: D5
SEÇÃO: CADERNO 2



DANÇA

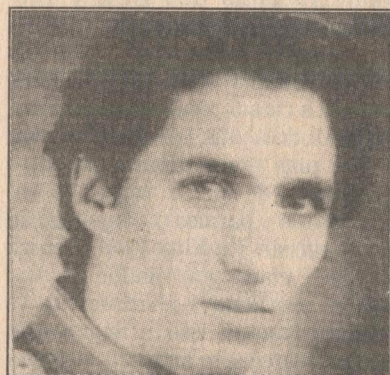
NEW YORK CITY BALLET



'Pas-de-deux de Tchaikovski', coreografia assinada por Georges Balanchine: a qualidade dos integrantes do New York City Ballet chega a assustar, porque o mais obscuro bailarino da última fila do corpo de baile poderia ser solista em qualquer companhia



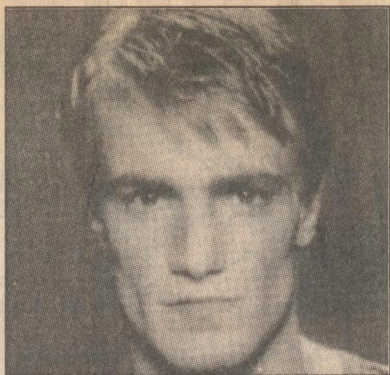
Merrill Ashley: esta é a última turnê da bailarina, que completa 30 anos no NYCB e se despede dos palcos na temporada de inverno



Damian Woetzel, que ingressou na companhia em 1985, é hoje um de seus principais bailarinos: repertório único



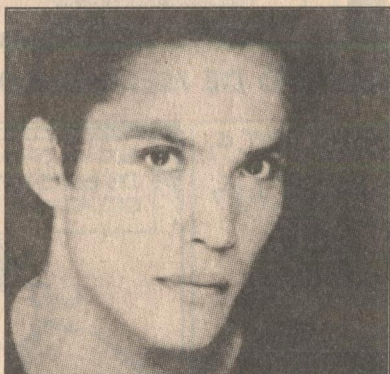
A cubana Lourdes Lopez: profissionais de todo o mundo disputam as vagas oferecidas pela School of American Ballet



O dinamarquês Nikolaj Hübbe: uma geração que não conheceu Balanchine leva adiante seu trabalho



Wendy Whelan, outra das estrelas da companhia: NYCB vem ao Brasil com suas principais atrações



Jock Soto, no grupo americano desde 1981: Balanchine foi fantástico em todas as fases de seu trabalho

New York Ballet exhibe o gênio Balanchine



Peter Martins: "Balanchine teve sorte porque todos aqueles que formou continuam zelando pelo seu legado"



Georges Balanchine: o coreógrafo russo criou 425 peças e não há obra capaz de ensinar tanto quanto a sua



Merrill Ashley: ela é a única bailarina em atividade para quem o próprio Balanchine criou uma coreografia

A companhia americana é a depositária da gigantesca obra do maior coreógrafo do século

HELENA KATZ
Especial para o Estado

O New York City Ballet é um projeto autoral de Lincoln Kirstein e Georges Balanchine. Kirstein, o jovem herdeiro de uma fortuna vinda do petróleo, que amava balé, convidou o russo Balanchine para estabelecer-se em Nova York e lá desenvolver o balé americano. A partir de 1933, dedicaram suas vidas a esse objetivo. E Balanchine tornou-se o coreógrafo mais importante do século.

Companhia que viaja pouco, o New York City Ballet estreia no dia 29 no Teatro Municipal de São Paulo, onde realiza quatro espetáculos, sendo um deles, o do dia 30, reservado pelo Mozarteum para seus assinantes.

Assistir ao New York City Ballet é um privilégio. Primeiro, ele é o depositário do tesouro criado por Balanchine — não há outra obra (são 425 balés) capaz de ensinar tanto. E segundo: a qualidade de todos os seus integrantes chega a assustar, porque o mais obscuro bailarino da última linha daquele corpo de baile poderia ser solista em qualquer lugar.

Quando Balanchine morreu, em 1983, de uma doença neurológica rara, a síndrome de Creutzfeldt-Jakob, seu posto foi dividido entre Peter Martins e Jerome Robbins, então nomeados co-ballet masters in chief (algo como diretores-chefes do balé). Mas já se sabia que Robbins, então com 64 anos, continuaria dedicado à sua carreira, e a condução da companhia caberia, na verdade, a Peter Martins, excepcional bailarino dinamarquês que tinha ido para o NYCB em 1969 e rapidamente se tornou seu principal danseur noble.

Ninguém se surpreendeu. Martins era perfeito para o papel. Dançava como ninguém, era também coreógrafo e não se importava em frequentar as festas necessárias

para levantar fundos para a companhia. E, acima de tudo, tinha sido a escolha pessoal de mr. B., nome pelo qual a companhia sempre o chamou.

No meio dos anos 70, Balanchine acordou-o com um telefonema às sete da manhã. Convidava-o para um café da manhã. Em 20 minutos, um assustado Peter Martins encontrava o seu diretor. Balanchine, então, disse que, eventualmente, deixaria o NYCB, e fez quase uma palestra a respeito de como entendia a companhia e a companhia sem ele.

Falou direto por uma hora. Quando acabou, deu por encerrado também o café da manhã. E nunca mais falou no assunto, nem quando estava morrendo. Jamais deu uma bênção explícita a Martins, tampouco nomeou-o publicamente seu sucessor.

Bem ao estilo Balanchine, foi construindo, dia após dia, tal passagem ao longo dos anos. Foi assim, deixando tudo claro com atitudes, que sedimentou uma estratégia que fez de Martins uma escolha natural.

Peter Martins, que atualmente dirige sozinho a companhia, falou ao Estado por telefone, de Nova York, na manhã de sexta-feira. A conversa começou exatamente pela lembrança daquele café da manhã.

Estado — Certa manhã, nos anos 70, Balanchine desenhou, naquele histórico café da manhã, o perfil do NYCB sem ele. Balanchine está morto e a companhia continua, sob seu comando. Balanchine a reconheceria com prazer hoje?

Peter Martins — (depois de uma gargalhada) Ao menos, é o que espero. Ou, melhor dizendo, é no que preciso acreditar. Mas digame, antes de continuarmos: como soube daquele café da manhã?

Estado — Por Joan Acocella (crítica de dança norte-americana), num texto de 94 para o The New York Review.

Martins — Veja só. Estamos dançando muito bem, há toda uma nova geração que sequer conheceu Balanchine e leva adiante o que ele nos deixou com muita competência. E esta não é apenas a minha opinião, mas provavelmente a de todos os que continuam nos acompanhando em nossas temporadas.

Estado — A geração que construiu seus papéis junto com ele estranha o modo como os jovens do elenco dançam?

Martins — Essa é uma questão muito séria. Nada é tão bom como seria com ele ainda vivo. Mas ele teve muita sorte porque todos aqueles que formou continuam zelando pelo seu legado. Tenho comigo dez ballet masters que aprenderam com ele e cuidam para que se dance cada detalhe do modo como ele criou. E, pelo mundo afora, outros tantos fazem o mesmo.

Estado — Como é esse modo?

Martins — É a soma da técnica mais apurada com o aroma de cada passo. Cabe a nós, os que ouvimos as instruções da sua voz, os donos dos corpos em que ele corrigiu cada ataque, cada tempo, transmiti-las com muita precisão para os novos. Como muitos de nós ainda estamos na ativa, fica mais fácil porque são várias memórias atuando juntas e vários olhos conferindo o resultado.

Estado — Há algo específico para cuidar?

Martins — O uso correto da velocidade, a dose precisa de musicalidade e os infinitos detalhes dos seus processos combinatórios entre os ângulos de cada pedaço do corpo. Balanchine sempre trabalhava com encadeamentos únicos de musculatura.

Estado — Por que tantos jovens, vindos do mundo todo, chegam a Nova York para disputar uma vaga na School of American Ballet (a escola da companhia)?

Martins — Porque querem dançar esse repertório único. Tiro por

mim. Eu me apaixonei irreversivelmente por essa técnica e pelos balés. Amei cada um deles e acreditei sempre que o que Balanchine fazia era o melhor. Em tudo.

Estado — Dentre todos os períodos criativos de Balanchine, há algum que se destaque?

Martins — Tudo o que ele fez foi o mais fantástico de cada uma das épocas em que trabalhou. Nas óperas-balés, nos balés românticos, nos clássicos, no estilo russo de Petipa (o mais importante coreógrafo russo do século 19) ou nos famosos balés preto-e-branco dos anos 70. Mas talvez, para mim, os seus Stravinski-balés sejam o que de mais extraordinário ele produziu. Acima e além do extraordinário.

Estado — A companhia faz 50 anos em 1998. Há algum plano para chamar algum bailarino para um café da manhã de surpresa?

Martins — (mais gargalhadas) Não. Ou, ainda não. Só posso garantir que as celebrações vão ocupar o ano todo e que estarão à altura desta companhia e de mr. B.

NYCB apresenta quatro coreografias na cidade

Grupo vem ao Brasil com alguns de seus principais bailarinos, entre eles Merrill Ashley

O público de São Paulo poderá assistir ao New York City Ballet nos dias 29 de setembro e 1º e 2 de outubro, às 21 horas. Os ingressos custam entre R\$ 25,00 e R\$ 120,00 e estão à venda pelos telefones 3068-0164, 883-0379 e 3361-2688 ou na bilheteria do Teatro Municipal.

No programa, três coreografias de Balanchine (*The Four Temperaments*, *Tchaikovsky Pas-de-Deux* e *Who Cares?*) e uma de Peter Martins (*Fearful Symmetries*).

Vêm ao Brasil alguns dos melhores bailarinos da companhia: Wendy Whelan, Merrill Ashley, Damien Woetzel, Jock Soto, Nikolaj Hubbe, Nichol Hlinka e Nilas Martins, entre outros. Detalhe: Nilas Martins é filho de Peter Martins. "Tenho muito orgulho dele, não só por ser um bailarino maravilhoso, mas sim por ter construído o seu espaço pelas suas qualidades", diz Peter

Martins. "Essa é uma situação difícil para nós dois, pai diretor e filho bailarino, mas Nilas é um dos raros bailarinos nosos que percorreu todas as etapas até chegar a solista, porque veio da escola e entrou como corpo de baile."

Esta será a última turnê de Merrill Ashley, que completa 30 anos de companhia e se despede dos palcos na temporada de inverno. Merrill Ashley, que já foi casada com Peter Martins, nasceu em Saint-Paul, Minnesota, e é bailarina principal desde 1977.

Escreveu um livro, *Dancing for Balanchine*, e é quem ensina a técnica, nos vídeos da Balanchine Collection.

Uma autêntica Balanchine bailarina — seria esse o comentário mais simples a seu respeito. Mas Martins tem uma opinião curiosa: "A Balanchine bailarina é uma construção mítica em torno das bailarinas que ele escolhia, ela é um personagem ficcional porque, de fato, para ser uma Balanchine bailarina basta apresentar um pré-requisito indispensável: ser a melhor." (H.K.)

GRUPO
DANÇA PEÇA
DE PETER
MARTINS



Merrill Ashley: a última das Balanchine bailarinas